

# A INCORPORAÇÃO DA ABORDAGEM ERGOLÓGICA NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: EM BUSCA DA INTEGRALIDADE DA ATENÇÃO À SAÚDE

*Incorporation of ergology into the formation of health professionals: in search of health care integrality*

Tatiana Pereira das Neves<sup>1</sup>

## RESUMO

Estudo de natureza teórico-conceitual que discute como os referenciais da ergologia podem contribuir para que a formação dos profissionais de saúde seja direcionada à obtenção da integralidade da atenção à saúde. A abordagem ergológica compreende o trabalho através do conceito de atividade do trabalho, sempre enigmática e imprevisível. Este estudo considera que a integralidade constitui-se em uma norma antecedente - conceito ergológico que se refere ao patrimônio histórico e abrange valores do bem comum - fundamental para a formação dos profissionais de saúde. Conclui-se que, somente através da participação dos trabalhadores instrumentalizada no dispositivo de três polos da Ergologia no processo de formação, serão obtidas estratégias legítimas e efetivas de formação dos profissionais de saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ocupações em Saúde/educação; Formação de Recursos Humanos; Recursos Humanos em Saúde; Engenharia Humana; Assistência Integral à Saúde.

## INTRODUÇÃO

Em um período de decadência do taylorismo, do aparecimento das novas técnicas e tecnologias e de diminuição do tamanho das empresas, surgiu, na França, na década de 1980 a Abordagem Ergológica. Tratava-se de um contexto de transformação - do trabalho e da sociedade. Na universidade, professores e pesquisadores compreenderam que necessitavam articular tais mudanças à academia, propondo cursos e pesquisas em consonância com tais mudanças. A

## ABSTRACT

Theoretical conceptual study that discusses in what manner ergology references can contribute to a health care integrality-targeted formation of health professionals. Ergology understands work through the work activity concept, always enigmatic and unpredictable. This study considers that integrality is an antecedent rule - an ergologic concept that refers to the historical background and encompasses values of the common good - paramount for the formation of health professionals. Only through the workers' participation in the process of formation, instrumentalized in the Ergological Three Pole Device, will legitimate and effective strategies for the formation of health professionals be attained.

**KEY WORDS:** Health Occupations/education; Human Resources Formation; Health Manpower; Human Engineering; Comprehensive Health Care.

questão fundamental consistia em interrogar se realmente muitas coisas estavam sendo modificadas no mundo socioeconômico e do trabalho. Cabia questionar, também, se havia conhecimento suficiente sobre o que estava sendo transformado. E, a partir da discussão das modificações do trabalho, surgiu o seguinte questionamento: “o que é o trabalho?”<sup>1</sup>

A expressão Ergologia refere-se à problemática da atividade, contudo não apresenta uma história filosófica como as noções de práxis, prática, ação e produção. Em grego,

<sup>1</sup> Tatiana Pereira das Neves, biomédica (UNI-RIO), Especialista em Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ), Mestre em Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ). Professora colaboradora do Curso de Especialização em Biossegurança nas Instituições de Saúde (IPEC-FIOCRUZ). E-mail: <tatibiom@yahoo.com.br

*ergasesthai* é o termo mais abrangente e *ergon* é o produto desse fazer. Ergologia é, desse modo, o termo mais neutro e genérico e aquele menos marcado. Tal generalidade torna-se essencial, já que se pode falar de uma estrutura produzida pela atividade humana que é dada pelas dramáticas histórias do uso de si, pelas distâncias entre normas antecedentes e renormalizações e, ao mesmo tempo, considera qualquer tipo de determinação histórica.<sup>2</sup> A denominação de ergológica implica, assim, na consideração de todas as complexidades da vida humana.<sup>3</sup>

Entender o trabalho como uso de si por outros e uso de si por si mesmo é uma das bases da Ergologia. Este entendimento recusa a perspectiva histórica de trabalho da sociedade capitalista, na qual o mesmo é reduzido à execução de tarefas e normas prévias, que retira o “si”, ou seja, oculta o sujeito que elabora constantemente a atividade de trabalho.<sup>4</sup>

Quem trabalha faz uso de si porque o trabalho é local de uma tensão problemática, de um espaço de negociação contínua: assim, nunca existe execução de tarefas, mas uso, e isto significa uma ampla gama de modalidades, pois é o indivíduo (si) no seu ser que é convocado. Portanto, utiliza-se a palavra uso para destacar a maneira indiscutível como um sujeito manifesta-se.<sup>5</sup>

Existe um uso de si pelo outro que consiste nos condicionantes históricos que são dados e que produzem e, simultaneamente, são produtores de subjetividade. Há também outro uso, que é o uso de si por si mesmo, o uso que cada um faz de si, a renormalização particular que a atividade humana efetua. Quando não se observa essa tensão paradoxal entre os dois usos, acredita-se que os trabalhadores resumem-se a seres passivos e reprodutores, que apenas sofrem impactos dos determinismos históricos e socioeconômicos. As condições históricas estão prescritas, mas o trabalho realizado, da mesma forma que a vida, jamais se reduz a isso, porque o ser humano, além de variar, também gera variações. As pessoas praticam, dessa forma, constantemente, um uso de si que implica escolhas, valores e arbitragens.<sup>6</sup>

A abordagem ergológica considera como trabalho aquele que é ignorado pelas organizações. Compreende o trabalho vivo, procurando as possibilidades e variabilidades que estão nas atividades, que são sempre enigmáticas e não podem ser determinadas previamente. A descoberta da vida, que existe no processo de trabalho, é fundamental quando se pretende criar estratégias - em parceria com os trabalhadores - que sejam efetivas na realidade. Assim, a inteligência forjada na prática do trabalho não pode ser ignorada.<sup>7</sup>

A ergologia não se constitui em uma nova disciplina. Ao contrário, consiste em uma maneira de compreender a atividade humana que tem como base os seguintes pressupostos: pensar o geral e o específico, conforme a dialética entre o global e o particular, que considera todos os tipos de atividade; integrar disciplinas variadas tais como a Linguística, a Antropologia, a Psicologia, a Economia e a Engenharia e questionar seus conhecimentos; descobrir, em qualquer atividade, as normas antecedentes e variabilidades, tanto nas normas impostas quanto naquelas que são instaladas, as denominadas renormalizações; e impulsionar uma produção de conhecimento sobre o ser humano, uma vez que o encontro entre os saberes científicos e práticos é sempre imprevisível e enriquecedor.<sup>8</sup>

Com base no último pressuposto da abordagem ergológica, foi concebido o dispositivo em três polos, que é constituído pelo polo dos conceitos, pelo polo da experiência e por um terceiro polo, chamado de ético e epistêmico, que faz a ligação entre os dois primeiros. Este dispositivo é resultado direto da ideia de renormalização da atividade. No polo do conhecimento sistematizado, encontra-se o polo dos saberes que são produzidos nas atividades de trabalho dentro de uma contínua dinâmica de renormalização. Essa “junção” de polos somente ocorre se existir o polo das exigências éticas e epistemológicas, pois este implica um modo de olhar e considerar o outro como semelhante. O terceiro polo suscita uma situação de “desconforto intelectual” e produz uma humildade para reconhecer que os saberes em geral (conhecimento sistematizado e experiência) não explicam a realidade totalmente, por isso, não são excludentes e sim complementares.<sup>8</sup>

O dispositivo mencionado surgiu a partir da constatação das limitações da concepção de “comunidade científica ampliada” concebida por Oddone. Um dos limites da concepção de comunidade científica ampliada é acreditar que o conhecimento das atividades humanas é domínio do científico clássico, o que pode causar a desconsideração das competências inerentes a cada um dos parceiros. Tal conceito também não destaca as dificuldades que ocorrem em uma proposta que se fundamenta na parceria entre pesquisadores e trabalhadores.<sup>8</sup>

Conforme Schwartz<sup>9</sup>, o conceito de atividade, no qual a ergologia possui suas bases, é marcado por características fundamentais: a transgressão, já que nenhuma disciplina e nenhum campo de práticas conseguem absorver conceitualmente a atividade, uma vez que a mesma atravessa fronteiras como o consciente e o inconsciente, o verbal e o não-verbal, o biológico e o cultural, o mecânico e os valores; a mediação pela imposição de dialéticas entre estes

campos, bem como entre o “micro” e o “macro”, o “local” e o “global” e a contradição (potencial) porque a atividade é o lugar de tensões e debates com resultados sempre incertos entre as normas antecedentes dos meios de vida e as tendências a renormalizações que são singularizadas pelos seres humanos de forma contínua.

Esta atividade situada na situação é a própria definição do trabalho. Trabalhar não significa nunca apenas a estrita execução de normas, mas exige, por parte dos trabalhadores, uma mobilização de inteligência, de invenção, de habilidade, de tomada de decisão tanto para fazer com que as regras pré-estabelecidas sejam aplicáveis nas singularidades das situações, quanto para lidar com a carência ou inadequação das normas anteriores. De maneira geral, os formadores estão especialmente preocupados com o fato de os trabalhadores, no confronto com a realidade, não somente aplicarem os saberes que lhes são transmitidos em processos formativos, mas produzirem eles mesmos saberes próprios, às vezes chamados saberes práticos, empíricos, habilidades, astúcias e outros “expedientes”. O modo pelo qual os trabalhadores enfrentam a situação de trabalho, como inventam para conseguirem manter-se firmes, apesar das inúmeras restrições que lhes são impostas, constitui um verdadeiro enigma que os formadores têm dificuldades em considerar.<sup>10</sup>

Schwartz<sup>2</sup> denomina de desconforto intelectual o sentimento de que o conhecimento dos formadores é, no mínimo, defasado em relação à experiência, uma vez que existe uma diferença entre o patrimônio de saberes ensinado e o patrimônio vivo das atividades de trabalho. Tal diferença não possibilita que os trabalhadores reconheçam-se nas atividades de ensino, pois existe uma falta de compreensão, por parte dos profissionais universitários, em relação aos trabalhadores. Entretanto, o que se pode falar sobre o trabalho é extremamente parcial e redutor se não forem considerados os aportes dos protagonistas do trabalho.

Reconhecer a limitação dos saberes teóricos não significa a condenação da prescrição do trabalho. Aliás, em vários casos, a ausência total de normas exteriores é tão prejudicial para os trabalhadores quanto a tentativa de imposição total das mesmas. Contudo, a identificação dos limites da normalização racional permite admitir que haja a necessidade de “algo a mais” para realizar a atividade, enfrentar as infidelidades sempre presentes no meio de trabalho. Este “algo a mais” trazido pelos trabalhadores consiste em uma contribuição específica e fundamental que existe mesmo nas situações mais normatizadas, que possibilita a realização do trabalho.<sup>10</sup>

É evidente que se precisa de normas antecedentes porque elas constituem-se em patrimônio universal importante e fundamental como as normas científicas e técnicas. No entanto, o desafio que se apresenta é o de que trabalhar juntos, propondo normas antecedentes e compartilhando o conceito de atividade. Há a necessidade de normatizar, mas deve-se conseguir formas de organização ou de normatização que permitam sempre o retrabalho das normas, em função das renormalizações presentes a todo o momento.<sup>1</sup>

### **A Integração da Ergologia à Formação dos Profissionais de Saúde: em Busca da Integralidade da Atenção à Saúde**

A formação dos trabalhadores está presente desde o nascimento da Ergologia, abordagem que é fruto do desconforto intelectual de Yves Schwartz, durante um processo de reformulação dos cursos de formação continuada de uma universidade francesa. Para Schwartz, a relação entre formação e trabalho é um movimento permanente de antecipação dupla. Tradicionalmente, considera-se, como formação profissional, o ensino acadêmico dos saberes formalizáveis de uma atividade, a primeira antecipação. Porém, para a abordagem ergológica, esta antecipação é somente uma parte da antecipação, já que existe também a segunda antecipação, isto é, a constatação de que o ensino acadêmico não contempla toda a atividade, uma vez que cada situação de trabalho possui particularidades, sendo, assim, a primeira antecipação permanentemente renormalizada. Logo, se o saber formal antecipa a experiência, esta também antecipa o trabalho futuro dos formadores e daqueles que criam conceitos. Desse modo, a concepção de trabalho como debate de normas exige que os conceitos elaborados sobre o mesmo, que são ensinados na formação, sejam retrabalhados de maneira constante.<sup>11</sup>

Os conceitos são necessários para pensar a atividade humana, mas não se pode desconsiderar que os trabalhadores “fazem história” e se a modelização de seus comportamentos por tipo de empresa, de trabalho ou trajetória profissional é exercida sem humildade, anula-se ou enfraquece-se as dramáticas do uso de si e ignora-se também que os trabalhadores não param de tentar renormalizar os procedimentos e saberes. E, em virtude disso, os modelos e os conceitos elaborados sem a participação dos protagonistas do trabalho são frágeis e parciais. Assim, conceber a formação profissional, sem se interrogar sobre o que os trabalhadores já construíram como saber no seu trabalho e como esse trabalho insere-se em seus projetos de vida, implica certa esterilidade no ato educativo.<sup>12</sup>

A ergologia torna possível, assim, considerar o ponto de vista da pessoa em atividade, de tudo que ela coloca em debate, em seu próprio interior, diante das normas e dos valores que lhes são impostos. Quando se reconhece um ponto de vista próprio ao trabalhador a partir da atividade, no sentido ergológico, modifica-se fundamentalmente sua relação com o saber. Este trabalhador transforma-se em mais sujeito de sua própria história e de seu processo de aprendizagem.<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, é importante a compreensão do conceito proveniente da abordagem ergológica, a norma antecedente, que consiste no aprimoramento e na expansão do conceito de trabalho prescrito, originário da ergonomia. Tal conceito remete ao que é dado ao trabalhador e dele exigido, antes de o trabalho ser realizado, isto é, possui caráter exterior e anterior à atividade humana.<sup>8</sup> Esta noção diferencia-se do conceito de trabalho prescrito porque, além evidenciar elementos importantes como as restrições de execução determinadas à distância da atividade de trabalho, também se caracteriza por ser construção histórica e abarcar valores não apenas monetários, mas também aqueles de bem comum.<sup>14</sup>

Uma das mais importantes normas antecedentes do processo de formação dos profissionais de saúde constitui-se na integralidade, que pode estar, de acordo com Ceccim e Feuerwerker<sup>15</sup>, para as práticas de saúde e de ensino da saúde, assim como a objetividade está para a investigação científica, impossível de ser plenamente atingida, mas uma busca de aproximação constante. A integralidade da atenção implica, entre outros fatores, a ampliação e o desenvolvimento da dimensão cuidadora na prática dos profissionais de saúde, o que permite que se tornem mais responsáveis pelos resultados das ações de atenção à saúde e que sejam mais capazes de acolher, estabelecer vínculos e dialogar com outras dimensões do processo saúde-doença não inscritos no âmbito da epidemiologia e da clínica tradicionais.<sup>16</sup>

Deve-se destacar que a maior ou menor integralidade da atenção recebida é resultado, em grande parte, da maneira como se articulam as práticas dos profissionais de saúde.<sup>17</sup> Existem três dimensões da integralidade: aquela da prática sanitária individual; a segunda relacionada à organização dos serviços e, finalmente, os desafios impostos ao se objetivar a oferta de um atendimento integral em um contexto de focalização das políticas.<sup>18</sup>

A dimensão da integralidade que interessa especialmente a este estudo é aquela da prática sanitária individual que, na realidade, se expressa exatamente na capacidade dos profissionais de saúde de responderem ao sofrimento manifesto, que resultou na demanda espontânea, de um

modo articulado à oferta relativa a ações ou procedimentos preventivos. Para os profissionais, implica incluir, no seu cotidiano de trabalho, rotinas ou processos de busca sistemática daquelas necessidades mais ocultas, menos vinculadas à experiência individual do sofrimento. Em outras palavras, a integralidade implica a compreensão ampliada das necessidades do paciente e, principalmente, essa habilidade de reconhecer a adequação de nossas ofertas ao contexto específico da situação no qual ocorre o encontro do sujeito com a equipe de saúde.<sup>19</sup>

A integralidade em relação às práticas dos profissionais de saúde pode ser compreendida como um processo de construção social, que possui, na ideia de inovação institucional, o grande potencial para que se concretize, pois permitiria a criação de novos padrões de institucionalidades. Tais institucionalidades podem ser consideradas experiências que podem suscitar relações mais horizontais entre os seus participantes, isto é, gestores, profissionais de saúde e usuários, relacionadas à produção de novos conhecimentos baseados na prática dos profissionais mencionados. Desse modo, a integralidade será, simultaneamente, efeito e repercussão de interações positivas entre usuários, profissionais e instituições, representada por atitudes tais como tratamento respeitoso, com qualidade e acolhimento.<sup>20</sup>

As normas antecedentes, como no exemplo deste estudo a integralidade, são construções históricas e dizem respeito a um patrimônio científico, conceitual e cultural próprio de cada época e contribuem para a análise das renormalizações realizadas durante a atividade de trabalho, isto é, o processo de retrabalho das normas antecedentes que sempre ocorre nas situações de trabalho.<sup>14</sup> Mattos<sup>19</sup>, referindo-se à prática da integralidade, ressalta que não importa em que contexto ocorre o encontro entre as pessoas e os profissionais de saúde. A possibilidade de articular ações preventivas e assistenciais significa um duplo movimento dos profissionais. Por um lado, aprender de modo ampliado as necessidades de saúde. Por outro, analisar o significado para o outro das demandas expressas e das ofertas que podem ser efetuadas para contemplar as necessidades, considerando-se tanto o contexto imediato do encontro como o contexto da própria vida do outro, de modo a selecionar o que necessita ser feito de imediato e gerar estratégias de produzir novos encontros em contextos mais adequados àquelas ofertas impertinentes no contexto específico daquele encontro. Considerando-se a perspectiva ergológica, pode-se afirmar que as mencionadas estratégias, essenciais a uma prática integral de atenção à saúde, são as renormalizações sempre presentes na atividade de trabalho.

O desafio de formar profissionais de saúde para a integralidade envolve a capacidade de formar profissionais capazes de entender o significado do sofrimento, das doenças e das propostas de intervenção nos pacientes. Este desafio implica também situar o outro no contexto do modo de andar a vida da comunidade em que está inserido e no seu modo singular de andar a sua própria vida.<sup>21</sup>

Desafio também é o de formar profissionais com o compromisso ético e político de afirmação da vida, que sejam capazes de articular saberes e práticas científicas de forma contextualizada e que, simultaneamente, possuam a sensação de pertencer à produção da contemporaneidade.<sup>22</sup>

Compreender as dificuldades próprias do trabalho dos profissionais de saúde, a partir do enfoque ergológico, é outro modo de tratar a atividade de tais profissionais e sua formação. Ao destacar a imprevisibilidade e singularidade do trabalho e da vida, espera-se que a abordagem ergológica auxilie na compreensão das variabilidades da atividade de trabalho dos profissionais de saúde e, assim, contribua para a formação profissional dos mesmos direcionada à integralidade da atenção à saúde.

Para a ergologia, a participação dos trabalhadores é fundamental em qualquer estratégia de formação. O enfoque ergológico também enfatiza que, para que o processo formativo seja realmente efetivo, o trabalho deve ser analisado através do ponto de vista da atividade, sempre singular e não padronizável uma vez que as renormalizações do que é dado anteriormente, ou seja, o retrabalho das normas antecedentes é incessante. Além disso, a incorporação da ergologia ao processo de formação dos profissionais de saúde também pode contribuir para a ruptura da lógica tradicional dos processos formativos de tais profissionais, que compreende que a finalidade específica desses processos consiste em fazer com que os mesmos executem estritamente o trabalho prescrito em conformidade com normas pré-estabelecidas e exteriores ao trabalhador.

### **A Instrumentalização da Ergologia na Formação dos Profissionais de Saúde**

Propõe-se a utilização do dispositivo ergológico de três polos para instrumentalizar a formação dos profissionais de saúde, uma vez que somente através de um processo formativo intensamente contextualizado, que privilegie os saberes dos trabalhadores, pode-se evitar que as ações de formação profissional concentrem-se em saberes supostamente gerais, estáveis e padronizados que pouco contribuem para uma verdadeira formação.<sup>23</sup>

Este dispositivo dinamiza a relação entre o conhecimento científico e a experiência do trabalho, uma vez que os protagonistas do trabalho, os trabalhadores, necessitam dos conhecimentos produzidos pelas diversas disciplinas científicas para valorizar seus saberes situados na atividade e transformar suas condições de trabalho. E os saberes científicos somente conseguem desenvolver-se a partir das “forças de convocação”, isto é, das questões originadas no mundo do trabalho e que, muitas vezes, são desconhecidas pelos pesquisadores. O terceiro polo, aquele da ética, constitui-se na “liga” do dispositivo porque aborda a ética necessária à construção de relações de parcerias, fundamentada em uma filosofia da humanidade que vê o outro como seu semelhante.<sup>8</sup>

A instrumentalização do dispositivo ergológico deve ser efetuada através de encontros com os trabalhadores que superem as tradicionais entrevistas e que sejam aproximações aos protagonistas do trabalho que enfatizem a palavra dos mesmos e a escuta atenta da palavra por parte do pesquisador. A palavra é aproximação do si, a manifestação da presença do sujeito que vive as mudanças no uso de si na esfera do trabalho. Segundo Rosa<sup>4</sup>, a palavra é testemunha do si, o que transforma os depoimentos em testemunhos e não apenas obtenção e fonte de dados, pois é através da mesma que ocorre a exposição do si, que se conhece mediante as atividades de trabalho. Deve-se destacar que a palavra como exposição do si, no momento do encontro trabalhador-pesquisador, expõe os mesmos de maneira recíproca. Entretanto, tal exposição de ambos é mediada pelo acompanhamento e conhecimento das atividades de trabalho, que são orientados pelo projeto pesquisa, neste caso a formação dos profissionais de saúde, que deve considerar o trabalho como uso de si. A palavra também configura e expressa as singularidades e especificidades da situação de pesquisa, uma vez que, ao falar de si e dos outros, os trabalhadores exprimem as suas histórias e a dos outros trabalhadores, em outras palavras, demonstram os modos de andar a vida deles próprios e do coletivo de trabalho.

Tal encontro pode ser realizado utilizando a técnica de Instrução ao Sósia que, de maneira genérica, constitui-se em solicitar que o trabalhador instrua ao pesquisador, que desconhece sua atividade, de tal modo que este consiga substituí-lo sem que se perceba. Esta é uma tarefa impossível de ser cumprida, porém pretende-se justamente criar dificuldades, para que o trabalhador consiga ultrapassar a maneira generalizada de descrever sua atividade, que geralmente refere-se ao trabalho prescrito, uma vez que, quando fala com o pesquisador, o trabalhador normalmente fala sobre o que pensa que seja relevante para o outro, omitindo

detalhes importantes relativos à atividade que são essenciais para a compreensão das peculiaridades do trabalho.<sup>24</sup>

Antes da instrução ao sócia propriamente dita, o pesquisador já deve ter estado no local e observado os trabalhadores em atividade, de modo que já tenha uma ideia geral do que irá encontrar. Considerando aquilo que observou, confrontará o que o trabalhador expressa com o que ele, como pesquisador, observou anteriormente. Mediante perguntas adequadas, o pesquisador conduz o diálogo de maneira a dificultar, cada vez mais, as generalizações, conseguindo que o trabalhador de uma situação em que fala para um outro passe para aquela na qual conversa com o outro e, por extensão, fala para si próprio.

Durante todo o processo descrito acima, deve-se buscar articular os três polos do dispositivo ergológico, integrando, desse modo, os conceitos científicos (primeiro polo) aos saberes da experiência do trabalhadores (segundo polo), tentando permanentemente relacionar estes dois primeiros ao último polo do dispositivo, aquele das exigências éticas, que implica em ver o outro como seu semelhante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção do dispositivo ergológico de três polos suscitará três importantes consequências no processo de formação profissional, segundo Schwartz<sup>3</sup>:

- O transmitir estabiliza patrimônios culturais e não exclui a história. Não se podem jamais retirar, do menor dos atos humanos, os debates entre normas antecedentes e renormalizações, ou seja, entre reprodução dos tratados anteriores e reinvenção dos mesmos, portanto, o paradoxo de transmitir está inserido no mais profundo íntimo da experiência ergológica humana.
- A transmissão e a história estão sempre juntas, uma vez que a ação histórica é sempre uma tomada de posição, relativamente conservativa e opositiva aos valores transmitidos e consolidados nas instituições da vida social. Dessa maneira, a compreensão “daquilo que faz história” remete ao debate das normas dos seres humanos e dos grupos com eles próprios.
- Como a atividade não pode escapar nenhum instante desses debates de normas, não cessa, portanto, a reconfiguração imperceptível dos nossos horizontes de vida. A formação profissional é perpassada, desse modo, por convocação de valores que cercam o debate das normas antecedentes, o que implica que o processo

formativo considere a dialética que se constitui no uso de si, por si próprio e pelos outros que consiste a atividade humana.

Espera-se, também, que a incorporação da ergologia no processo de formação dos profissionais de saúde propicie práticas de atenção à saúde voltadas para a integralidade, uma vez que, considerando-se a integralidade da atenção à saúde como a norma antecedente - porque abrange valores de bem comum - fundamental no processo de formação dos profissionais de saúde, compreende-se também que a participação dos trabalhadores é fundamental em qualquer estratégia de formação. O enfoque ergológico também destaca que, para o processo formativo ser realmente efetivo, o trabalho deve ser analisado considerando o ponto de vista da atividade, sempre enigmática e não passível de padronização, já que as renormalizações do que é dado anteriormente, ou seja, o retrabalho das normas antecedentes é incessante e contínuo.

## REFERÊNCIAS

1. Schwartz Y. Entrevista por Luciana Gomes, Ana Lúcia Abrahão e Mônica Vieira. *Trabal Educ Saúde*. 2006; 4(2):457-66.
2. Schwartz Y. Trabalho e educação. *Presen Pedagog*. 2001; 7(38):5-17.
3. Schwartz Y. Transmissão e ensino: do mecânico ao pedagógico. *Pro-posições*. 2005; 16(48): 229-44.
4. Rosa MI. Uso de si e densificação do trabalho. *Rev Psicol Polít*. 2004; 4(7):45-66.
5. Schwartz Y. Trabalho e uso de si. *Pro-posições*. 2000; 5(32):34-50.
6. Borges MES. Trabalho e gestão de si - para além dos “recursos humanos”. *Cad Psicol Social Trab*. 2004; 7:41-9.
7. Brito J. Trabalho e saúde coletiva: o ponto de vista da atividade e das relações de gênero. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005; 10(4):879-90.
8. Brito J. Saúde do trabalhador: reflexões a partir da abordagem ergológica. In: Figueiredo M, Athayde M, Brito J, Alvarez D, organizadores. *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A Editora; 2004. p. 91-114.

9. Schwartz Y. *Actividad. Laboreal*. 2005; 1(1). [Citado em 2006 jun 20]. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU54711228594:575511>.
10. Jobert G. A inteligência no trabalho. In: Carré P, Gaspar P, organizadores. *Tratado das ciências e das técnicas de formação*. Lisboa: Instituto Piaget; 1999. p.223-39.
11. Freitas LMA. Ensino de línguas estrangeiras para a formação profissional: contribuições da abordagem ergológica e do dialogismo. *Intercâmbio*. 2006; 15:29-38.
12. Schwartz Y. Trabalho e saber. *Trabal Educ*. 2003; 12(1):21-34.
13. Durrive L. Formação, trabalho e juventude: uma abordagem ergológica. *Pro-posições*. 2002; 13(3):19-30.
14. Telles AL, Alvarez D. Interfaces ergonomia- ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: Figueiredo M, Athayde M, Brito J, Alvarez D, organizadores. *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A; 2004. p. 63-90.
15. Cecchim RB, Feuerwerker LCM. Mudanças na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. *Cad Saúde Pública*. 2004; 20(5):1400-10.
16. Malta DC, Cecílio LCO, Merhy EE, Franco TB, Jorge AO, Costa MA. Perspectivas da regulação na saúde suplementar diante dos modelos assistenciais. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2004; 9(2):433-44.
17. Cecilio LCO, Merhy EE. A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar. In: Pinheiro R, Mattos R, organizadores. *Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde*. Rio de Janeiro: UERJ-IMS-ABRASCO; 2003. p.197-210.
18. Moraes DR. Revisitando as concepções de integralidade. *Rev APS*. 2006; 9(1):64-72.
19. Mattos RA. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). *Cad Saúde Pública*. 2004; 20(5):1411-6.
20. Pinheiro R, Ferla A, Silva Junior AG. Integrality in the population's health programs. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2007; 12(2):343-9.
21. Mattos RA. Integralidade como Eixo da formação dos profissionais de saúde. *Rev Brás Educ Med*. 2004; 8(2):91-2.
22. Pinheiro R. Apresentação do livro. In: Pinheiro R, Cecchim RB, Mattos RA, organizadores. *Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, CEPESC, BRASCO; 2006.
23. Vasconcelos R, Lacomblez M. Entre a autoanálise do trabalho e o trabalho de autoanálise: desenvolvimentos para a psicologia do trabalho a partir da promoção da segurança e saúde no trabalho. In: Figueiredo M, Athayde M, Brito J, Alvarez D, organizadores. *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A; 2004. p. 161-87.
24. Maia MAB. *O corpo invisível do trabalho: cartografia dos processos de trabalho em saúde [dissertação]*. Niterói: Faculdade de Psicologia, Universidade Federal Fluminense; 2006.

---

Submissão: dezembro de 2008

Aprovação: julho de 2009

---